

Alfabetização e Letramento em diferentes ambientes de aprendizagem: a relevância da tecnologia na prática pedagógica

Layana Silva de Almeida¹

Vitória Oscar de Azevedo²

Maria das Graças Borges de Oliveira³

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a relevância da tecnologia na prática pedagógica, tendo em vista o desenvolvimento da alfabetização e letramento em diferentes contextos de aprendizagem. A motivação para a realização deste estudo está relacionada às novas perspectivas contemporâneas observadas durante o processo emergencial de virtualização das escolas, desencadeado pela pandemia Covid-19, além da percepção de que a tecnologia é imprescindível às práticas sociais atuais da sociedade em um mundo globalizado. A metodologia adotada para esse estudo é a pesquisa bibliográfica, destacando de que forma a tecnologia pode favorecer práticas pedagógicas de alfabetização e letramento para o Ensino Fundamental I. Durante os primeiros meses de 2020, muitas instituições de ensino no Brasil, interromperam as atividades escolares devido à falta de acesso à internet e de recursos tecnológicos. Entretanto, algumas escolas conseguiram manter a virtualização das suas atividades, desenvolvendo novas práticas de ensino e aprendizagem mediadas pela tecnologia.

Palavras-chave: Alfabetização e Letramento. Tecnologia. Prática Pedagógica.

1. Introdução

A sociedade mundial enfrenta uma pandemia, sem precedentes, causada pela COVID-19. Desse modo, a fim de reduzir o contágio, foi necessário tomar diferentes medidas protetivas, como o isolamento e o distanciamento social e, por causa disso, as aulas presenciais no Brasil foram suspensas. Com o objetivo de atingir o menor impacto negativo no processo de

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Veiga de Almeida (UVA), Campus Tijuca-RJ.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Veiga de Almeida (UVA), Campus Tijuca-RJ. Bolsista do Programa CAPES: PIBID, modalidade iniciação à docência.

³ Mestre em Educação, Especialista em Psicopedagogia Clínica e na Educação, graduada no curso de Pedagogia pela Universidade Veiga de Almeida (UVA), Campus Tijuca-RJ. Docente dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, professora Tutora e Conteudista de cursos de Graduação em EAD.

alfabetização das crianças brasileiras, o Conselho Nacional de Educação e o Conselho Pleno no parecer nº 5/2020 (BRASIL, 2020), apresentou algumas orientações acerca do ensino não presencial para a etapa do ensino fundamental I (fase formal de alfabetização), e também promoveu a distribuição de vídeos educativos através de plataformas on-line, atividades on-line síncronas e assíncronas, assim como a utilização de aplicativos de mensagens instantâneas para manter a comunicação entre responsáveis dos alunos e professores.

As mudanças repentinas exigem adequação emergencial das instituições e famílias, visto que geram reflexões profundas sobre o papel das tecnologias nas relações sociais e nos processos de construção do conhecimento em todos os segmentos da sociedade. Afinal, como realizar o processo de alfabetização durante o desenvolvimento de virtualização das escolas? Justifica-se a realização desse estudo pela urgência de se discutir o uso das tecnologias para alfabetizar e letrar, perante os novos desafios e perspectivas presentes na atualidade.

O objetivo deste artigo é discutir a relevância da tecnologia na prática pedagógica, tendo em vista o desenvolvimento da alfabetização e letramento em diferentes contextos de aprendizagem. Além disso, o tema será aprofundado mediante pesquisa bibliográfica, tendo como principais enfoques as concepções de autores que contribuem para a compreensão do processo de alfabetização e letramento, enquanto prática social e, como também, os estudos associados à virtualidade na educação, que estão gerando novos espaços de ensino e aprendizagem.

2. Embasamento teórico

A discussão acerca do processo de alfabetização e do letramento sempre esteve presente em diferentes segmentos da sociedade. Muitos estudiosos de diferentes áreas dedicaram-se às pesquisas e práticas diferenciadas, buscando verificar o método mais eficaz, os materiais adequados e os fatores que influenciam a alfabetização dos sujeitos. Ao longo das últimas décadas, novas práticas pedagógicas surgiram, teorias foram criadas, porém o debate sobre a alfabetização ainda exigia a criação de novos termos para diferenciar o processo de aquisição do código escrito e sua utilização de forma eficiente.

Nesse contexto, a educadora Magda Soares (2018), define alfabetização como sendo a codificação e decodificação da língua, o entendimento da relação entre fonema e grafema. Já o vocábulo letramento, ainda de acordo com a autora, refere-se ao uso da língua em práticas sociais. Assim, o sujeito letrado é aquele que sabe aplicar o sistema linguístico em contextos de

comunicação, compreender as funções da escrita, entender os sentidos do texto e empregar o código em diferentes situações para expressar-se e socializar-se.

Arelado a isso, Freire (2015), em um diálogo com Macedo, afirma que a alfabetização não pode ser reduzida a um processo mecânico, por isso, é fundamental entender que o uso da língua escrita é permeado por aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos, aspectos esses que se tornam evidentes quando se discute o letramento.

Com a pretensão de retomar os princípios propostos por Soares (2020), a alfabetização e o letramento são processos de naturezas distintas, “entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia que as sugerem evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes” (SOARES, 2020, p.27). Portanto, o desenvolvimento integral dos alunos está pautado em práticas alfabetizadoras vinculadas às práticas de letramento. Sendo assim, a aquisição do sistema linguístico deve ocorrer em meio à produção de textos, situações de comunicação, discussões sobre as funções da língua, entre outras aplicabilidades do código escrito.

Das teorias sobre a aquisição da língua escrita a freiriana talvez seja a que mais se aproxima da definição de letramento. “O desenvolvimento, pelo leitor, de uma compreensão crítica do texto e do contexto sócio histórico a que ele se refere torna-se fator importante para nossa ideia de alfabetização” (FREIRE; MACEDO, 2015, p. 194). Dessa forma, o ato de alfabetizar deve também estar ligado às questões políticas, por causa disso, não é adequado pensar a aquisição da língua escrita como um processo isolado do cotidiano do sujeito, nem tão pouco limitar à função prática. Portanto, o ensino da escrita deve estar integrado ao exercício da cidadania no sentido mais amplo, enquanto direito de participação e transformação social.

3. Metodologia

A pesquisa bibliográfica realizada mostrou que a disponibilidade de tecnologias na comunicação gerou novas relações na sociedade, na economia, na política e, inclusive, na educação. A sociedade transformou-se em uma comunidade da informação (Takahashi, 2000). Assim, cada vez mais recursos tecnológicos fazem presença no cotidiano daqueles que têm acesso às mídias de comunicação.

Durante o isolamento social, a tecnologia ganhou ainda mais destaque como meio de interação para a sociedade brasileira. Desse modo, é impossível pensar o cotidiano na atualidade sem considerar a tecnologia, pois cada vez mais o mundo está se tornando conectado,

Revista Tecnologias na Educação – Ano 12 – Número/Vol.34 – Edição Temática XVI – **II Simpósio Internacional das Licenciaturas da Universidade Veiga de Almeida** tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

dependente dos meios digitais. Na área da educação, existe a geração de grandes desafios nas instituições escolares porque, além do ensino sistematizado, as relações de trabalho, a capacitação profissional e a necessidade de uma formação adequada precisam passar por transformações profundas.

O desenvolvimento tecnológico exige, também, novas concepções e práticas pedagógicas, assim como novas formas de preparar o sujeito para viver em sociedade, atuar no mundo do trabalho, compreendendo que a aprendizagem é contínua e pode ser desenvolvida tanto na modalidade presencial, quanto na modalidade EAD (SACCOL; SCHIMMER; BARBOSA, 2011).

A pandemia impulsionou novas possibilidades educacionais, bem como novas possibilidades no pensar em educação, especialmente no que diz respeito ao acesso à educação remota, visto que as concepções de *e-learning*, *m-learning* e *u-learning* foram enfaticamente importantes no processo de aprendizagem dos educandos, educadores e instituições de ensino.

Essas concepções são ambientes de aprendizagem não formais, ou seja, que se constituem fora da escola, que utilizam outros elementos para o desenvolvimento da aula. Assim, o *e-learning* utiliza a rede de computadores, o *m-learning* desenvolve a aprendizagem através de dispositivos móveis sem fio (como tablets e smartphones) e o *u-learning* incorpora a comunicação, a computação e dispositivos móveis (“objetos funcionais”) do cotidiano do indivíduo (SACCOL; SCHIMMER; BARBOSA, 2011), que são as Tecnologias de Informação e Comunicação e, ainda, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TICs e TDICs).

Estas diferentes metodologias ficaram mais evidentes quando, no momento emergencial, deu-se início ao distanciamento social (com fechamento de comércios, pontos turísticos, instituições de ensino, etc.) para evitar a propagação da COVID-19, ou seja, para dar continuidade às tarefas rotineiras, foi preciso uma adaptação com equipamentos, como exemplo os computadores, celulares, tablets e afins. Diante disso, as ações emergenciais teriam menor impacto negativo se a população tivesse desenvolvido conhecimentos tecnológicos adequados, equipamentos disponíveis em suas residências e acesso à internet.

Uma pesquisa realizada pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (CEDIC), em 2019, mostrou que um em cada quatro brasileiros não possui acesso à internet e que apenas 16% dos analfabetos ou alunos da educação infantil acessam a rede. Esses índices chamam atenção para as desigualdades sociais que as pessoas

enfrentam. Além disso, 99% dizem fazer uso de smartphones e outros aparelhos móveis para conectar-se à internet, mas a Agência Brasil afirma que isto pode afetar a qualidade do acesso, visto que a conectividade desses aparelhos é mais instável, pois possui um limite de dados por determinado período de tempo.

Contudo, ofertar o acesso não é o suficiente, mas sim, principalmente, saber como utilizar os mecanismos para acompanhar e propiciar a aprendizagem dos sujeitos. Embora a tecnologia seja uma aliada no processo de ensino aprendizagem, por si só, não garante inovação e criticidade na educação. Para isso, há a necessidade da presença de mediação, bem como práticas e metodologias para promover uma aprendizagem colaborativa e significativa, por isso: “[...] o uso de tecnologias móveis (carregadas e usadas individualmente) não suplanta a necessidade de contato humano, compartilhamento de ideias, experiências e diferentes pontos de vista” (SACCOL; SCHIMMER; BARBOSA, 2011, p.30).

Takahashi (2000) destaca outros desafios para o uso das tecnologias nas práticas pedagógicas que, apesar de terem sido descritos há duas décadas, infelizmente ainda se aplicam ao contexto atual. Dentre esses obstáculos, destaca-se a falta de: infraestrutura tecnológica adequada nas escolas e instituições de ensino, alfabetização e letramento digital para fazer uso dos recursos tecnológicos e criticidade para lidar com a grande quantidade de informações.

Sobre este tema, Ariane Melonio, Danielton Melonio e Façanha (2018, p. 10) afirmam que a percepção crítica sobre o uso de recursos tecnológicos é importante para que essas ferramentas sejam usadas apenas como instrumentos, “...com fins em si mesmo, sem que se possa refletir quais são seus fundamentos, quais ideologias se escondem por trás delas e a quem elas podem estar servindo.”

Por isso, se faz necessária uma abordagem crítica, pois essas ferramentas não podem ser utilizadas como uma inovação de fachada para manter as relações de ensino tradicional. Professores e estudantes não podem se permitir usar as tecnologias como ferramentas de reprodução e alienação, já que o uso delas deve estar pautado na reflexão, no protagonismo dos alunos.

No parecer nº 5/2020, o Conselho Nacional de Educação e o Conselho Pleno evidenciam as desigualdades no país, dessa forma:

{...}é importante considerar as fragilidades e desigualdades estruturais da sociedade brasileira que agravam o cenário decorrente da pandemia em nosso país, em particular na educação, se observarmos as diferenças de proficiência, alfabetização e taxa líquida

de matrícula relacionados a fatores socioeconômicos e étnico-raciais. Também, como parte desta desigualdade estrutural, cabe registrar as diferenças existentes em relação às condições de acesso ao mundo digital por parte dos estudantes e de suas famílias (BRASIL, 2020)

Entretanto, esses fatores formam apenas a ponta de um “iceberg” visível durante a virtualização das escolas, apontando as fragilidades do sistema educacional brasileiro e a necessidade urgente de investimentos em recursos materiais e formação continuada dos professores para acompanhar o desenvolvimento tecnológico de forma crítica e efetiva.

4. Análise e discussão de dados

A análise da revisão bibliográfica evidenciou a relevância da tecnologia para a educação. No entanto, é preciso compreender que essa relevância não existe apenas nas modalidades de educação à distância ou híbrida, pois o uso da tecnologia é também fundamental no ensino presencial. Ao pensar sobre metodologias ativas, não há como ignorar o uso da tecnologia, porque essa ferramenta permite que o aluno aja ativamente sobre sua aprendizagem, visto que com o uso da internet e de outras tecnologias ele pode tornar-se pesquisador, desenvolvedor de jogos, blogs, vídeos e outros projetos. Dentre as contribuições da tecnologia para o processo de ensino aprendizagem, Takahashi (2000) destaca o fácil compartilhamento de materiais didáticos e de outras informações, a troca entre professores de diferentes regiões e os projetos colaborativos, ainda que os sujeitos estejam geograficamente afastados.

As tecnologias, em específico as redes sociais, exibem aspectos tal como um canal de comunicação, o que fortalece o vínculo entre professor e estudante, a fim de permitir o compartilhamento de sites, vídeos, documentos, entre outros materiais que podem aprofundar os conhecimentos abordados em aula (MELONIO; MELONIO; FAÇANHA, 2018).

O uso do celular na sala de aula, tem sido motivo de inúmeras discussões dividindo opiniões entre os educadores. Silva e Alves (2018), ao tratarem do uso do aplicativo *WhatsApp* em contextos de aprendizagem, constataram que essa ferramenta pode ser de grande valor para o processo de letramento. O *WhatsApp* é um aplicativo de mensagens instantâneas e permite aos usuários se comunicarem com outras pessoas sem ter um custo adicional, independente do espaço geográfico e fuso horário em que se encontram. Essa tecnologia promove o letramento de forma eficaz, pois, além de ser um recurso com o qual os alunos estão familiarizados, possibilita a principal função da língua: a comunicação.

Ainda segundo os autores, o aplicativo de mensagens permite a criação de grupos de até 256 pessoas, facilita o compartilhamento de conteúdos como fotos, vídeos e áudios, e ainda motiva a turma devido à rapidez do feedback. Portanto, com o uso do *WhatsApp* nas práticas pedagógicas é possível alcançar um letramento significativo e colaborativo. Os próprios educandos vão se apoiando durante esse processo através das mensagens e o professor fica mais próximo da turma já que a rapidez nas respostas é uma característica dessa ferramenta. Entretanto, por conta dessa facilidade e instantaneidade de resposta, “para que o dispositivo seja usado em processos educativos exige-se um planejamento do docente para que as ações não se percam dentre as centenas de mensagens do aplicativo” (Ibid., p.53).

A crítica de Freire (2019) à educação tradicional também se aplica quando se discute o uso das tecnologias na educação. Nesse contexto, dentro da era digital, não é mais possível conceber o ensino como um processo unilateral, no qual apenas o docente é considerado detentor de saberes. Atualmente, crianças e jovens chegam à escola já sabendo fazer uso dessas ferramentas tecnológicas, por isso, são eles que auxiliam os professores no uso de determinada rede social e, ainda, em como compartilhar um documento ou como visualizar diferentes arquivos. São os chamados nativos digitais, ou seja, indivíduos que ao nascerem, já estão imersos em um mundo tecnológico, digital, enquanto os sujeitos nascidos antes dos anos 90 são considerados imigrantes digitais, pois estão passando pela transição (adaptação) do mundo virtual. Entretanto, deve-se refletir sobre o acesso a essa virtualização, visto que nem todos os que nasceram pós década de 90 estão diretamente inseridos digitalmente em sociedade, porque não possuem acesso a aparelhos (smartphones, tablets, computadores, etc.) que promovam essa inclusão.

Para Morán (2015), a tecnologia permite a superação dos limites impostos pelo espaço e pelo tempo, pois alunos e professores podem comunicar e construir aprendizagens juntos, ainda que não se encontrem no mesmo local e no mesmo horário. O autor também ressalta que o uso das tecnologias torna o processo de ensino-aprendizagem mais flexível, de outra forma, o educando não precisa mais limitar sua aprendizagem ao texto que o professor passou em aula. Além disso, esse discente pode pesquisar outros materiais que satisfaçam a sua forma de aprender, o que torna a aprendizagem também mais autônoma, visto que o sujeito passa a escolher quais os recursos mais adequados as suas singularidades. Portanto, verifica-se que não há mais a possibilidade de ignorar a presença da tecnologia na educação, tanto por suas

contribuições como também por seu uso no cotidiano dos alunos. Assim, faz-se necessário discutir o uso da tecnologia nas práticas de letramento.

Em vista do conceito dado por Soares (2018, p.45), letramento é “o desenvolvimento de habilidades textuais de leitura e de escrita, o convívio com tipos e gêneros variados de textos e de portadores de textos, a compreensão das funções da escrita”. Para melhor compreensão basta pensar no contato com a língua escrita que se dá no nosso cotidiano através, por exemplo, de jornais e revistas impressos, encartes de mercado, panfletos, cartazes, placas, livros de literatura, etc. É possível, ainda, ampliar a discussão sobre letramento ao adotar-se a perspectiva tecnológica.

O desafio se torna ainda maior com a geração alpha, formada por crianças nascidas a partir de 2010. Além disso, existe uma grande parcela da população que está crescendo em muitos ambientes envolvendo a cultura digital. Uma pesquisa realizada pelo site *Mobile Time* e pela empresa *Opinion Box* mostrou que 74% das crianças entre dez e doze anos possuem smartphone próprio e que 32% passam quatro horas (ou mais) por dia fazendo uso do aparelho. Logo, esses dados evidenciam o quão integradas às tecnologias e o quanto esse tema precisa ser discutido por toda a sociedade.

A leitura de mundo antecede a leitura da palavra, já dizia Paulo Freire (FREIRE; MACEDO, 2015). E o mundo que se apresenta na atualidade, também, é digital. Deste modo, é necessário pensar em novas práticas pedagógicas que avaliem o papel da tecnologia na formação do sujeito.

A utilização de tecnologias como computadores, smartphones, redes sociais e outros recursos digitais podem contribuir para um letramento significativo e coletivo. Com a internet, os alunos podem ampliar suas experiências ao visitar virtualmente museus, zoológicos, fábricas, parques e cidades (COSCARELLI, 2014), ações que muitas vezes não ocorrem no mundo *offline*. Existe ainda a possibilidade de interação com pessoas de outras regiões do Brasil e até mesmo de fora do país através de jogos *online* e fóruns, efetivando o contato com outras culturas e línguas.

A internet, acessada em computadores ou aparelhos móveis, é identificada como um amplo acervo de materiais de letramento, ainda que esse não seja o objetivo inicial dessa ferramenta. Professores e alunos podem ter acesso a diversos arquivos de texto dos mais diferentes tipos e gêneros, há ainda vídeos para iniciar debates, editores de textos para desenvolver a escrita, dicionários *online* para facilitar a busca por algum significado, *sites* para

aprofundar pesquisas e jogos que tornam os processos de alfabetização e letramento mais lúdicos e dinâmicos.

Heisler, Luz e Soares (2019) verificaram que determinados jogos digitais podem não só promover a aprendizagem da língua escrita, como também evidenciar dificuldades de aprendizagens dos alunos. A partir do conhecimento das limitações e potencialidades reveladas por esses recursos, os professores podem selecionar estratégias adequadas aos alunos. Assim, muitas são as possibilidades de construção de um processo de letramento significativo e colaborativo se as tecnologias forem integradas de forma efetiva à educação, como a de construção de *blogs* e *sites* coletivos, nos quais todos podem interagir e participar de um projeto colaborativo, ainda que não estejam geograficamente próximos.

Para facilitar a alfabetização e letramento de pessoas com deficiências existem as ferramentas de acessibilidade, pois as tecnologias podem ser facilmente adaptadas para suprir necessidades que possam surgir por causa de alguma dificuldade de aprendizagem, deficiência física ou síndromes. Para jovens e adultos em processo de alfabetização e letramento, a internet oferece grande acervo de *sites* de notícia e de interesses pessoais, dessa forma usar essas ferramentas no processo de ensino-aprendizagem pode ser uma maneira de diminuir as desigualdades sociais através de práticas pedagógicas que tem a equidade como princípio.

O letramento digital permite ainda o processo de aprendizagem significativo e dinâmico, pois, com sua gama de recursos pedagógicos, como músicas, jogos interativos, vídeos, aplicativos, entre outros, a criança conseguirá desenvolver novos conhecimentos que antes não dominava e que são mobilizados no espaço virtual. Desse modo, o letramento digital pode favorecer a autonomia da criança, porém é necessário que o educador esteja atento ao processo, visto que para a criança aprender a ler e a escrever precisará de um mediador, no caso da escola, o professor. Logo, o ideal é que essa autonomia seja alcançada com maior facilidade, no caso da criança que está imersa em um mundo tecnológico e que já está familiarizada com diferentes recursos.

Então, pode-se dizer que a virtualização de uma parcela das atividades no Ensino Fundamental pode gerar novas modalidades de aprendizagem, pois são desenvolvidas novas habilidades, técnicas cognitivas que, por consequência, promovem a criatividade. Os sujeitos que vivem essa era digital são mais criativos porque o tempo todo estão em contato com diferentes assuntos, podendo criar e recriar conteúdos que são facilmente compartilhados em

aplicativos de comunicação que conectam pessoas do mundo todo (MENEZES; COUTO; SANTOS, 2019).

Existe ainda a possibilidade de trabalhar-se, dentro desse contexto virtual, em uma perspectiva interdisciplinar. Os aparelhos e a internet permitem o acesso a vários conteúdos apenas com um clique, tornando mais fácil a comunicação entre diferentes disciplinas. Os *hiperlinks* são outra ferramenta que facilita esse ensino interdisciplinar e dinâmico, pois com seu uso é possível unir arquivos de texto, vídeos, imagens e jogos que si complementam. Assim, torna-se muito mais fácil abordar aspectos culturais do contexto dos alunos dentro das aulas de alfabetização e letramento.

Os jovens e adultos que ainda estão em processo de alfabetização, porque não tiveram a oportunidade de seguir seus estudos no ensino regular, e agora estão se adaptando à nova realidade virtual e tecnológica, geralmente apresentam dificuldades na inserção nesta nova cultura, justamente por falta de recursos ou acesso. Entretanto, se forem oferecidas as condições necessárias, eles demonstram capacidade de aprendizagem e superação de inúmeras dificuldades. Enquanto os adultos, na maioria das vezes, não têm paciência e tempo para se aprofundarem nessa nova perspectiva pedagógica.

Contudo, é imprescindível oferecer a todos a oportunidade de aprendizagem e o acesso que precisam. Afinal, a cibercultura e a inclusão digital são elementos fundamentais para a dinâmica do mundo social. Ujiie *et al* (2017), explica que a informatização é crescente e veloz e que todos necessitam se adaptar a essa nova dinâmica de integração e aprendizado. Para atingir esse objetivo, a mediação do educador é essencial para auxiliar nessa nova experiência. Assim como para as crianças, a alfabetização e letramento para os jovens e adultos, promovem também um ambiente dinâmico e com possibilidade de novos recursos para ampliar, facilitar e aperfeiçoar os seus conhecimentos, de modo que a cultura e as experiências individuais do sujeito sejam ampliadas.

5. Considerações Finais

A investigação realizada demonstrou que a alfabetização mediada pela tecnologia em novos ambientes de aprendizagem pode favorecer o avanço do aprendizado do educando, pois permite ir além do que contextualizar a leitura e a escrita em ambientes tradicionais de ensino, permite formar cidadãos críticos, criativos, com novas perspectivas de mundo. Portanto, a necessidade de cada vez mais ampliar o uso dos recursos tecnológicos nas práticas pedagógicas

é legítima, pois essas ferramentas estão presentes nos cotidianos dos alunos, devendo ser consideradas nos processos de alfabetização e letramento.

Ao longo do estudo, foi possível perceber que a linguagem e a tecnologia estão associadas, construindo novos elementos de pensamento e pesquisas, de modo a serem facilitadores da aprendizagem dos indivíduos, a fim de aprimorar digitalmente suas habilidades e competências. Embora a tecnologia seja considerada um recurso fundamental para a promoção de uma alfabetização e letramento eficiente, não basta apenas fazer seu uso como recurso, mas sim promover esse conhecimento com qualidade nas instituições de ensino e, ainda, estudar políticas públicas que incluam os sujeitos digitalmente no mundo social tecnológico presente nos dias atuais.

Assim, surge também a necessidade de ampliar o debate sobre o uso da tecnologia da educação a fim de superar alguns obstáculos, por isso, os cursos de formação de professores devem incluir ao currículo atividades que capacitem os futuros docentes a utilizarem as tecnologias de forma crítica. Da mesma forma, os professores já em exercício, precisam de formação continuada para se integrarem aos novos recursos pedagógicos, tal como as escolas precisam de investimentos para adquirir ferramentas digitais adequadas e os alunos precisam de orientação para pesquisar e selecionar conteúdos legítimos.

Desta maneira, o estudo conclui que a tecnologia na prática pedagógica, tendo em vista o desenvolvimento da alfabetização e o letramento em diferentes contextos, é fundamental para que o Brasil possa superar os inúmeros descompassos na educação, desde que haja equidade para favorecer a inclusão de alunos com diferentes tipos de dificuldades, seja na educação infantil, de jovens e adultos ou na educação especial. Portanto, é imprescindível que todos os alunos possam vivenciar um processo de aprendizagem que seja significativo, contextualizado e se reconheça enquanto sujeito histórico num mundo globalizado.

5. Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP nº5**, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. **Diário Oficial da União**, Distrito Federal, 01 jun. 2020

CEDIC. Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação. **Três em cada quatro brasileiros já utilizam a Internet, aponta pesquisa TIC Domicílios**, 2019. Disponível em: <<https://cetic.br/>>. Acesso em: 23 out. 2020.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. *In*: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3. ed. Belho Horizonte: Ceale/Autêntica Editora, 2014. p. 25-40.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015

HEISLER, Nadine; LUZ, Sabrina Vieira da; SOARES, Eduardo Correa. Promoção da consciência fonológica no processo de alfabetização através de jogo online – programa Domlexia. **Revista Tecnologias na Educação**, ano 11, v.31, p. 1-16, dez. 2019.

MELONIO, Ariane Santos Ribeiro; MELONIO, Danielton Campo; FAÇANHA, Luciano da Silva. O youtube como ferramenta de ensino-aprendizagem. **Revista Tecnologias na Educação**, ano 10, v. 27, p. 1-13, nov. 2018

MENEZES, Karina Moreira; COUTO, Raqueline de Almeida; SANTOS, Sheila Carine Souza. **Alfabetização, letramento e tecnologias**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. *IN*: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (org.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2015. p.15-33. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.

PANORAMA MOBILE TIME/OPINION BOX. **Crianças e smartphones no Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2019/10/panorama-criancas-celulares-out19.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2020

PEREIRA, Vinicius Carvalho; MACIEL, Cristiano. Twitteratura: aproximando letramento literário e letramento digital. **Revista Fronteiras**, n.18, p. 60-77, jul. 2017.

SACCOL, Amarolinda; SCHIMMER, Eliane; BARBOSA, Jorge. M-Learning e U-Learning:: novas perspectivas da aprendizagem móvel e ubíqua. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011. 180 p.

SILVA, Bento Duarte da; ALVES, Elaine Jesus. O aplicativo WhatsApp em contextos educativos de letramento digital: possibilidades e desafios. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 5, p.45-68, ago. 2018.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

_____. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

UJIIE, Nájela Tavares *et al.* Sempre é tempo de aprender: uma ação extensionista de alfabetização digital para adultos e idosos. **Cadernos de Pesquisa**: Pensamento Educacional, Curitiba, v. 12, n. 30, p. 191-202, abr. 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/521-Texto%20do%20artigo-899-3-10-20191017.pdf. Acesso em: 23 out. 2020.

VALENTE, Jonas. **Brasil tem 134 milhões de usuários de internet, aponta pesquisa**. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>>. Acesso em: 25 out. 2020.

Recebido em DEZEMBRO 2020

Aprovado em DEZEMBRO 2020